



NOSSA HOMENAGEM ÀS MÃES



D. FERNANDO

Realizamos no último dia 10 de maio na igreja do Divino Salvador, Vila Olímpia, em São Paulo, onde o pároco é nosso colega PE. SIDNEY JOSÉ BARONE (1959), a costumeira Missa de Páscoa que, neste ano, tornou-se a Missa do Dia das Mães, pela proximidade de datas.

O colega ALFREDO BARBIERI (49/53) fez a abertura da cerimônia nos seguintes termos:

“Caríssimos, estamos reunidos para a celebração de dois eventos significativos: 1-A PÁSCOA, a festa máxima da Igreja, pois a RESSURREIÇÃO DE CRISTO é a garantia da nossa vitória e o triunfo da nossa fé. Se Cristo não tivesse ressuscitado, nos diz São Paulo, nossa fé seria vã.

2-O DIA DAS MÃES, homenageando a Mãe que nos acolheu nas Colinas do Ibaté, o Imaculado Coração de Maria e sob cuja proteção nos colocamos, cada vez que nos encontramos, cantando o SUB TUUM PRAESIDIUM. Ao lado da Padroeira, também as nossas mães (in memoriam), nossas esposas, mães de nossos filhos. Nossas filhas-mães, que nos deram a ternura dos netos. Todas as mães, enfim, sobretudo as que sofrem... mãe triste é coisa séria.

Esta celebração na paróquia de um colega ibateano, PE. SIDNEY JOSÉ BARONE, que nos acolhe com tanto carinho e já recebe o nosso afeto e agradecimento. Numa concelebração com a presença de D. FERNANDO JOSÉ PENTEADO (bispo emérito de Jacarezinho-PR) e colega do Ibaté, bem como de D. JOSÉ APARECIDO GONÇALVES DE ALMEIDA (bispo auxiliar de Brasília).

Deveria estar aqui, dirigindo esta nossa comemoração, o nosso Venerável Attilio Brunacci, impedido em razão de uma cirurgia de catarata. Desejamos a ele, uma catarata de bênçãos do Senhor, para que ele possa passar da penumbra à plena visão. Vamos dizer a ele: “Attilio, vê se você se enxerga!”.

Vimos agradecer o dom da Vida Nova que nos trouxe o Ressuscitado e a alegria de estarmos juntos, ao redor do Altar do DEUS QUI LAETIFICAT JUVENTUTEM NOSTRAM.”

Vários colegas marcaram presença em mais esse encontro, que serviu para um maior conagração de colegas e familiares da Família Ibateana.

Os cânticos foram coordenados pelo JOSÉ ISAIAS

DANTAS (59/65) e acompanhados pela excepcional performance do Pe. Barone, tocando órgão que tinha uma sonoridade ímpar.

Ao final da Missa, os colegas cantaram em uníssono o célebre canto de todos os dias no Seminário, o SUB TUUM PRAESIDIUM, sendo, então, muito aplaudidos pelos fiéis que assistiam à cerimônia.

Após a celebração, nos confraternizamos no Salão Paroquial, onde foram servidos comes e bebes.

Estiveram presentes os seguintes colegas, muitos deles acompanhados das respectivas esposas e familiares: JOSÉ GERALDO LICHERI, JOSÉ ISAIAS DANTAS, CARLOS DOMINGUES COSSO, WILSON CÂNDIDO CRUZ, ANTONIO ORZARI, HORÁCIO JOSÉ DE SOUZA, ALFREDO BARBIERI, LUIZ MONTEIRO, DARCY CORAZZA, MARCIO PEREIRA DA SILVA, JOSÉ NOVAES, MARIO RENATO RASO, MANOEL HIGINO FERREIRA, JONES NADIR GAMA, CELSO GUIDUGLI, EUDEMAR MEIRA, JOSÉ JORGE PERALTA, LUIZ ALBERTO CORRÊA DA SILVA, WILSON MOSCA, além, é claro, de D. FERNANDO JOSÉ PENTEADO e PE. SIDNEY JOSÉ BARONE. Presentes, também, o amigo LUIGI, que participa de nosso Coral, e LUZIA SCHMIDT BRUNACCI esposa do colega ausente ATTILIO BRUNACCI que articulou o convite do Pe. Barone para o evento.



PE. SIDNEY BARONE

Nossos agradecimentos ao dinâmico colega e pároco da paróquia Divino Salvador pela acolhida.



D. JOSÉ APARECIDO

FELIZ PÁSCOA



Lourenço Medeiros Fernandes (1949)



Estamos no tempo da Quaresma e todos juntos nos preparamos para a essa grande festa universal que se aproxima, a Páscoa, anualmente celebrada e lembrada como a comunhão coletiva dos hebreus em sua saída do Egito. Para nós, cristãos que somos, a Páscoa representa a Ressurreição do Cristo, a Ressurreição daquele que veio ao mundo para nos salvar, para redimir todos os homens. E eu estou aqui para convocar todos os nossos amigos do Ibaté a decididamente e com os corações unidos participar desta grande festa, desta grande comunhão que é a Páscoa da Ressurreição.

Eu entrei para o doce Seminário do Imaculado Coração de Maria, em São Roque, em 1949, mas em 1947,

(*)Lourenço Medeiros Fernandes-Perereca, 81 (1949) Estudou, também, no Seminário de Pirapora e trabalha na Igreja Nossa Senhora da Saúde

Para-choque do Caminhão do Ibaté

Reserva indígena é um índio que não consegue ser titular do seu time.



PALAVRA DE SEMINARISTA (60 ANOS DEPOIS)

CAPÍTULO 1 - (NOVA VERSÃO)

O PRIMEIRO DIA DO SEMINÁRIO DO IBATÉ

Paulo Francisco Toschi(*)



FRENTE

O Concílio de Trento, convocado em 1536, iniciado em 1545, tendo término em 1563, após algumas interrupções, criou os estabelecimentos de ensino eclesiástico denominados “seminários”. Orlando Neves, em seu Dicionário da Origem das Palavras, explica que SEMINÁRIO, “seminarium” em Latim, é proveniente de “seminare = semear”, caracterizando um “viveiro de plantas”. Melhor dizendo, seria o lugar onde se dá vitalidade às sementes. Aos seminários menores foi atribuída a responsabilidade de fornecer os ensinamentos fundamentais, reservando-se aos seminários maiores a especialização exigida de um padre. Foi assim, dentro de critérios rigidamente estruturados, até o Concílio Vaticano II, convocado em 1961 pelo Papa João XXIII, tendo se estendido até 1965, sob o papado de Paulo VI, quando novas brisas passaram a soprar sobre a Igreja Católica. Ao tempo em que o Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria foi fundado, em 1949, em São Roque, no bairro do Ibaté, lá eram administrados ensinamentos semelhantes aos que um leigo obtinha nos cursos de Admissão ao Ginásio, Ginásial e Colegial, ficando para o Seminário Central do Ipiranga os cursos de Filosofia e Teologia, matérias que eram complementadas por outras, próprias da cultura eclesiástica e do múnus sacerdotal, como Liturgia, História da Igreja, Direito Canônico, etc. O Seminário de São Roque encerrou suas atividades em 1973.

Minha preocupação em registrar o que acontecia dentro de um seminário menor não é única. Muitos estudiosos e ex-seminaristas se voltaram a essa análise, dada a significância dos seminários menores para a Igreja e para a vida dos que por eles passaram. João Virgílio Tagliavini, por exemplo, publicou na Revista HISTEDBR On-line uma pesquisa ampla sobre os seminários tridentinos (Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 26, p.39-63, jun. 2007 - ISSN: 1676-2584). O autor é Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos, credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma universidade (jvirgilio@linkway.com.br). Vale a pena transcrever o RESUMO de sua obra: “O objeto de pesquisa deste artigo é

o modelo tridentino do seminário menor, uma instituição total, onde o espaço e o tempo são tidos como sagrados e a vida submete-se a uma relação hierárquica muito rígida. Num espaço isolado e bem regulamentado, sob a direção dos dirigentes, os garotos vão atravessar um longo túnel, com horários rigorosos, uma férrea disciplina, sofrendo as técnicas de condicionamento, até alcançarem o objetivo final da ordenação sacerdotal, ou saírem feridos no meio da caminhada. Em todo o caso o seminário nunca mais sairá de dentro deles.” Não saberia eu descrever melhor o objeto de meu escrito. Trabalho de curto fôlego, o meu “Palavra de Seminarista”, em sua primeira versão, talvez não tenha conseguido exatamente mostrar o quanto uma instituição, criada e dirigida com o hermetismo estabelecido por um Concílio Ecumênico do século XVI, conseguiu marcar a personalidade dos que a freqüentaram. Esta nova versão é uma tentativa de melhor evidenciar tais efeitos. Eu costumo distinguir três tipos de seminaristas: os que passaram por um seminário ou mais de um e, após algum tempo, voltaram à vida comum dos mortais; os que foram em frente, se ordenaram sacerdotes e viveram durante sua vida inteira como membros da Ordem de Melquisedec; e os que, depois de ungidos, deixaram o ministério sacerdotal, por variadas razões, voltando à vida civil. Todos eles trazem na alma o sinete indelével de sua passagem por uma casa de formação tridentina.

O Seminário de São Roque começou a funcionar em 1949. Até então, os padres seculares da Arquidiocese de São Paulo iniciavam sua formação em Pirapora, no Seminário dos Padres Premonstratenses. Assim sendo, a primeira turma do novo seminário era constituída por duas categorias de alunos: os novatos, que iriam frequentar o curso de Admissão, e os veteranos, transferidos de Pirapora, para continuarem seus estudos nessa nova casa. Todos eles eram alunos fundadores que, muitos anos depois, viriam a ser apelidados, por seus irreverentes colegas das turmas mais novas, como os “jurássicos”. Havíamos todos nascido nos anos trinta do século vinte, período de grandes mudanças sociais, políticas e econômicas, no Brasil e no mundo, época bem diferente do



LATERAL

mundo de 1973, quando o Seminário do Ibaté deixou de existir.

Eu integrei a turma de novatos. Éramos vinte e cinco alunos no Admissão. Destes, ao fim dos estudos, sete receberam o sacramento da ordem, nem todos na mesma ocasião, mas, apenas dois permaneceram vinculados ao ministério sacerdotal, um deles como bispo: Monsenhor Durval de Almeida, em Itu, e Dom Oswaldo Giuntini, em Marília, ambos eméritos. Os outros cinco, após anos de atividade sacerdotal, acabaram procurando novos caminhos, inclusive o casamento. Seria diferente, se o celibato não existisse como prática obrigatória para o clero? Acredito firmemente que sim. Isto o Concílio Vaticano II, infelizmente, não conseguiu mudar. Tal hábito, mais danoso que virtuoso, não foi adotado por alguns apóstolos de Cristo ou vários dos seus primeiros sucessores, tendo sido imposto por atos posteriores e, em caráter definitivo, pelo mesmo Concílio que criou os rígidos seminários menores. São Paulo, todavia, exaltou o celibato. Que seja uma opção de vida a ser respeitada e nunca uma imposição de vida a ser cumprida por tantos quantos pretendam servir como ministros do Senhor, é a minha opinião.

Alguns dos iniciantes em São Roque haviam feito um exame de seleção, no chamado “Seminário”, escola preparatória que funcionava em São Paulo, na Rua Albuquerque Lins, sob a administração do Padre João Pavésio, um senhor grande, gordo e simpático, eficiente educador. Disseram-nos que, caso fôssemos aprovados nesse exame vestibular, poderíamos dar início aos nossos estudos no Primeiro Ano e não no Admissão. Estudei com afinco e obtive boas notas no teste. Contudo, ao chegarmos a São Roque, tivemos uma decepção. Não seria como prometeram: como não haveria o Admissão, caso todos começassem no Primeiro Ano, os padres nos informaram que, em 1949, excepcionalmente, mesmo tendo sido aprovados no “Seminário”, iríamos todos frequentar o Admissão. Assim, meu primeiro momento nessa nova vida foi marcado por uma pequena frustração. Houve, até, algum ensaio de protesto, logo abortado por um padre alto, magrinho, careca, que fumava muito e tinha um apito, com o qual exteriorizava sua sufocante autoridade: era o Padre Ministro Constantino Amstálden, figura que iria amoldar, de modo indelével, a personalidade de tantos quantos supervisionou no Ibaté.

No fundo, um cordeiro (pai amoroso e desvelado) com pele de lobo (sargentão formado em Quituna, quartel onde permaneceu servindo o Exército, enquanto durou a Segunda Grande Guerra Mundial). Apesar de seus defeitos serem mais evidentes, eram bem menos que suas inegáveis virtudes. Eu já repeti, várias vezes, nos artigos que enviei ao jornal Echus do Ibaté, órgão de comunicação da Turma do Ibaté, uma associação informal que reúne os antigos alunos do Seminário do Imaculado Coração de Maria, sobre Dom Constantino Amstálden, nosso Padre Ministro, que, “sem ele, São Roque não teria sido o que foi”. “São Roque” é como nos referíamos ao nosso Seminário. Ibaté, no meu tempo, era pouco usado. Quando assim falo, estou me reportando ao “bom São Roque que está em nossos corações”. Sim, porque houve um “São Roque” inesquecível e outro que seria muito bom, se pudesse ser esquecido.

Chegamos a São Roque, os que vinham de São Paulo, em viagem de trem da Estrada de Ferro Sorocabana, em vagão especial alugado pelo Seminário. Éramos

(alguns) muito pequenos, vivendo, pela primeira vez, a experiência de ficar longe da família. Não nos conhecíamos. Não houve uma apresentação prévia. Nenhum padre tomou a palavra. Fomos conduzidos para o vagão, novatos e veteranos, todos partindo para fundar o nosso Seminário. Eu fizera amizade, no “Seminário”, com o Ary Joly, ao lado de quem viajei. Alguns colegas, advindos das mesmas paróquias, onde geralmente tinham sido coroinhas, pouco sentiram a sensação de solidão do primeiro momento, por formarem pequenas turmas. Destes, havia alguns cujos vigários ou coadjutores também estavam se transferindo para São Roque, para serem nossos professores. Mas, na verdade, a nova comunidade ali na estação estava se constituindo, de modo meio atabalhoado, revelando a nenhuma experiência de quem iria nos conduzir. Sem me dar conta, naquela plataforma ferroviária, eu estava me transformando em um seminarista. Vivi situação semelhante, em 1956, no meu primeiro dia de quartel: mandaram que entrássemos em forma, mesmo sem termos um uniforme, e, quando me dei conta, eu era um soldado. Aliás, vim constatar, muitos anos depois, que eu e o nosso zeloso ministro da disciplina acabamos tendo algo em comum: servimos no mesmo quartel do Exército Brasileiro, em épocas diferentes.

Voltemos à espera do trem em São Paulo, na estação Julio Prestes: todos nós de terno caqui, os de menor estatura de calças curtas, meias três-quartos, pretas, sapatos da mesma cor. Confesso que sempre considerei esse uniforme horrível. Carregávamos malas e sacos com roupas e objetos de uso pessoal. Na estação, os pais, irmãos, avós e amigos tinham vindo se despedir. Algumas lágrimas, claro, não tanto dos alunos, que estavam ansiosos pela expectativa de uma etapa nova em suas vidas, mas, como não podia deixar de ser, das mães e avós, elas que tanto se empenharam, em carinhosos preparativos, para que aquele momento acontecesse.

Quando o trem apitou, estava anunciando o fim de minha infância.



Meu padrinho de batismo era um Monsenhor, pároco de minha paróquia, que muito colaborou para incentivar a minha vocação, aliando-se à minha mãe. Esta contava orgulhosa que, quando eu nasci, ao saber que a criança era um menino, seu primeiro pensamento foi: - este será padre! Durante onze anos burilou, zelosamente, a minha “vocação”. Não fosse esse sonho materno, muito provavelmente, nunca teria passado por minha cabeça a idéia de ser padre. Por onze anos, tantas vezes fui incentivado que, após terminar o primário, soou natural

para mim, ao ser indagado sobre que escola ir, para fazer o ginásio, afirmar, sem qualquer dúvida: “eu vou para o Seminário”. Posso dizer que eu não escolhi, eu sucumbi. Meus pais queriam que eu fosse para o Colégio São Luiz, na Avenida Paulista, que tinha uma seção para atender a meninos menos endinheirados. Lá, era do regulamento uma fardinha amarela, parecida com a usada pelos guardinhas de automóvel, cuja sede ficava na Avenida Nove de Julho, sob um dos viadutos que passam sobre ela.

Eu tinha horror de ter que descer, da Avenida Paulista, onde ficava o colégio, até à Rua Peixoto Gomide, onde eu morava, envergando aquele uniforme. De repente, ir para o Seminário surgiu, para mim, como uma válvula de escape. Mal sabia que, no Ibaté, o uniforme seria também caqui.

Voltando ao primeiro dia em São Roque, lembro-me de um fato que muito me serviu de consolo, quando, à noite, fomos para o dormitório. As instalações elétricas do prédio ainda não estavam prontas e uma equipe de eletricitas trabalhava no forro, em que havia uma faixa de treliça, de aproximadamente meio metro, perto das paredes, permitindo visualizar quem estivesse no seu interior, ligando fios e lâmpadas. Para minha sorte, esses eletricitas eram da firma onde meu pai trabalhava e eu logo pude ver o Zezinho, um rapaz muito amigo de nossa casa, encarrapitado lá no forro, concluindo o seu trabalho, sem saber que estava me dando um grande alívio, pois, pelo menos, era alguém conhecido, que estava por perto. Isto não foi suficiente para evitar que o meu travesseiro ficasse um pouco molhado pelas lágrimas de uma saudade insipiente.

A chegada ao Seminário se deu em alguns ônibus da empresa que fazia a ligação entre São Roque, Araçariguama e Pirapora, por uma estrada poeirenta e sinuosa, cheia de subidas e descidas, pelas quais os motores dos veículos gemiam. Cinco quilômetros percorridos, paramos em frente a uma porteira e, enquanto aguardávamos sua abertura, tivemos a primeira lição de Latim: “Parva domus magna quies”. Era a inscrição que um funcionário do Seminário havia colocado na varanda de sua casinha, bem em frente à estrada que dava acesso ao prédio, frase essa, certamente, ditada por um dos nossos futuros professores (a casa é modesta, mas o aconchego é grande).

(*) Paulo Francisco Toschi, 75 (49/53) é advogado e bancário aposentado, sendo autor do Livro “PALAVRA DE SEMINARISTA”.
pfcatoschi@hotmail.com

Subimos por uma avenida de terra, cercada de bosques e caramanchões de cipreste, para chegar ao pátio dos fundos de um prédio de tijolinhos, muito simpático. Guardamos nossas coisas nos armários do Dormitório e as malas no porão. Passamos a receber as primeiras instruções. Em um primeiro momento, confesso que aquela construção me causou certa decepção. Eu imaginava encontrar um prédio mais sóbrio, com corredores sendo palmilhados em silêncio por leitores de brevíários, ao lado de jardins bem plantados, num ambiente de clausura monacal, tal como vira em filmes. É costume dos seminários que um aluno veterano seja designado o “anjo” de um novato, transmitindo ao recém-chegado “dicas” e “manhas” de como agir e se comportar. Não lembro quem foi meu “anjo”, nem de ter sido, alguma vez, “anjo” de outros iniciantes.

Todos nós tínhamos um número, pelo qual passaríamos a ser identificados. Meu número era 55 e fora pregado por mamãe em minhas roupas. Nunca mais o abandonei. Fiquei tão habituado a ser chamado pelo número que, certa ocasião, estava eu no pátio, na hora do recreio, e o Padre Ministro resolveu convocar-me, para dar uma notícia que minha família enviara, sobre o falecimento de um parente: por mais que repetisse “Paulo, Paulo”, eu não prestei qualquer atenção e só fui atendê-lo quando o Padre Constantino resolveu, já meio bravo, chamar o meu número. De fato, naquela época, eu era mais 55 que Paulo. Como descobri depois, o menino Paulo estava sendo esvaziado, para dar lugar ao seminarista 55, marca que ficou para sempre. Depois, abandonaram o hábito de nos chamarem só pelo numeral, e eu passei a ser conhecido como o Toschi. Apelidos eu nunca tive, diferentemente de outros colegas que eram conhecidos como Tatu, Preguinho, Caipira, Vaca, Bitá, Reverendo, Boulanger, etc. Eu não era figura de destaque dentro da comunidade, pois sempre fui fraco nos esportes, não participei de peças teatrais, não integrei grupos de poetas e literatos, e era pequeno demais para colaborar em atividades que exigissem esforço físico. Se algum mérito eu tive, foi obtendo boas notas nos estudos, fato que, geralmente, não se presta para granjear popularidade.

Engraçado, também não lembro o número de nenhum outro colega.

CASO EDIFICANTE

O avô do fazendeiro

Dois amigos se encontram e um diz ao outro:

- Pensei que você estivesse passando ainda as férias na fazenda. Como assim, você voltou tão depressa?

O amigo explica:

- Então, no primeiro dia que eu estava ali, morreu um pato e à noite a mulher do fazendeiro me fez uma sopa para o jantar. No dia seguinte morreu um porco e o cardápio foi arroz com costelinha frita. No terceiro dia morreu uma vaca e no almoço foi aquela churrascada de costela.

- Continuo ainda não entendendo porque você voltou tão depressa de suas férias, disse o outro.

- Ora veja bem meu caro amigo, no quarto dia morreu o avô do fazendeiro...

(*) José Lui, 76 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978. rubrolui@hotmail.com



José Lui*

TE DEUM LAUDAMUS

80 Anos do Seminário Central do Ipiranga

Alfredo Barbieri*



Dia 19 de março dia de São José, Pater et Custos, o Seminário Central da Imaculada Conceição do Ipiranga, comemorou seus 80 anos de profícua atividade, como um dos centros culturais de formação do clero paulistano, com seus Cursos de Filosofia e Teologia de cujas arcadas, saíram incontáveis sacerdotes, doutos e santos e inúmeros leigos que com suas atividades intelectuais, justificaram a eficiência dos cursos ali ministrados.

As comemorações constaram de uma Solene Missa presidida por Dom Milton Kenan Junior, bispo da Região Episcopal Brasilândia, da Arquidiocese de São Paulo e concelebrada por vários sacerdotes.

Registramos a presença da Reitora da PUC, Dra. Anna Maria Cintra, membros da família do Conde José Vicente de Azevedo (1859-1935), que foi o doador do terreno, onde hoje se encontra o Seminário, o qual esteve no lançamento da pedra fundamental e sempre acompanhou a construção e o crescimento do Estabelecimento.

Além dos demais convidados é preciso assinalar a presença dos alunos do Curso de Teologia e dos ex-alunos do Seminário Central, sob o comando do Cordão e um destaque especial para a bancada dos ibateanos: Holien, Attilio, Quinzinho e Barbieri.

Ao final da Santa Missa usaram da palavra: a neta do conde, uma senhora com 90 anos e que com

desembaraço expressou os agradecimentos em nome da família, lembrando o carinho do Conde Azevedo para com o Seminário. A Reitora da PUC, enaltecendo a data e agradecendo, mas o ponto alto foi o pronunciamento do ex-aluno, da década de 50, José de Ávila de Aguiar Coimbra.

Coimbra fez um histórico do Seminário, em S. Paulo, desde o início. Discorreu sobre as diversas fases, comentou a atuação do Conde Vicente de Azevedo, e o surgimento do Seminário Central do Ipiranga, rememorou fatos significativos da vida do Seminário. Enfim, foi uma lição de História, feita com calor e emoção. Foi aplaudido de pé, pela família do homenageado e por toda a assembleia.

As solenidades foram encerradas com uma significativa galeria de fotos do passado, nas arcadas do Seminário e com um coquetel com salgadinhos e refrigerantes, como diz o Attilio, pois afinal, ninguém é de ferro. Os colegas se confraternizaram e lembraram os áureos tempos.

"Ad perpetuam rei memoriam", fica aqui o registro da efeméride.



(*) Alfredo Barbieri, 82 (49/53) é professor aposentado da Universidade de Taubaté e Membro da Academia Taubateana de Letras. alfredo_barbieri@hotmail.com

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 – 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

PÁSCOA NA VIDA

(Regina coeli, laetare, Alleluia)



José Jorge Peralta*

A Páscoa tem sabor de alegria. É a festa da Alegria. Tem vigor de família unida. É tempo de "Aleluia! Aleluia! Aleluia!" A Páscoa marca o auge da alegria cristã.

A Igreja oferece-nos três grandes paradigmas da alegria: o Natal, a Páscoa e o Pentecostes. A Páscoa e a alegria são as grandes marcas do Cristianismo.

Desde criança vivi numa comunidade, que sabia viver e compartilhar a alegria da Páscoa, como uma grande festa de alegria e de Luz. Assim era nas paróquias de meu País, cada uma com suas especificidades. Cada pessoa entende e vivencia as grandes festas a seu modo, como o Espírito lhe inspira. E assim as leva pela vida a fora..., embaladas num diáfano manto de cetim.

Na **Sexta-Feira Santa**, dia de meditação e silêncio, realizava-se a celebração da Paixão, com as trevas, na igreja, e que incluía o apagar das luzes, durante a leitura do Evangelho, e o barulho ensurdecedor das **matracas**, que construíamos em nossas casas, com a ajuda de nossos pais. As matracas eram uma alegoria do terremoto, no momento da morte de Cristo (Mt 27.51). Celebrávamos a dor do grande e divino Mestre. Vivenciávamos o sofrimento e a alegria; a morte e a vida; a luz e as trevas... Celebrávamos a esperança.

Clique aqui para escutar o Alleluia de Handel, em surdina, prosseguindo a leitura: www.youtube.com/watch?v=KnQGs24U1e8

No **Sábado de Aleluia**, com igreja à meia luz, a **hora do Glória**, aclamada pelo celebrante, era um momento de **explosão de alegria**. A perpétua alegria cristã. O véu do altar, pesado, desprendia-se e caía fragorosamente no chão; todas as luzes se acendiam numa exuberante claridade; os sinos bimbavam deslumbrados, quase enlouquecidos de alegria; no coro, a música tocava e o coral cantava o "Glória a Deus no alto céu, e na terra paz aos homens de boa vontade". Cantavam: "Aleluia, aleluia, aleluia". Cantavam a alegria cristã. Alegria de sempre. A alegria da vida e do Evangelho. Céus e terra em uníssono, cantavam Glória a Deus, no céu, na terra e na imensidão do firmamento, em todo o universo.

Era alta madrugada (et valde mane). Posso imaginar que o sol rompia a alvorada, num céu cheio de nuvens coloridas, formando uma tela magnífica, multicolorida, nunca vista, debuxada pelo mais hábil pintor, o Criador. A passarada, em bandos, cortava os céus, em imensas revoadas, cantando alegremente seu canto matinal. Como num imenso bailado sincronizado, exaltavam a glória do Senhor ressuscitado. Assim fazem quase todos os dias. As flores se abriram enfeitando a terra; soltando seu perfume, encheram toda a terra do mais deslumbrante odor. Foi a madrugada mais encantadora e colorida que o mundo presenciou.

Materializava-se o **Canto das Criaturas** de que nos fala São Francisco. Toda a Natureza louva o Senhor.

A Páscoa da Ressurreição está como antípoda da tristeza e dor da Sexta-Feira Santa. Agora, tudo é alegria e encanto. Céus e terra nunca se apresentaram tão exuberantes, tão alegres. A natureza todo se revestiu de alegria, como na maior festa que a humanidade já presenciou. Só aos eleitos foi dado sentir tanta e tão deslumbrante beleza.

O ápice da história de Cristo foi marcado pela alegria, a eterna alegria, que é marca do cristianismo, onde a tristeza e até a morte são prenúncios de vida, de esperança e de alegria.

O Aleluia fechou o ciclo de vida de Cristo: Iniciado no **Natal**, com o "Glória a Deus", cantado pelos anjos, e

encerrado na **Páscoa**, com o "Glória a Deus", cantado pela comunidade e por toda a natureza.

O acender do **Círio Pascal** era, para mim, adolescente, um momento de admiração que eu não entendia; mas admirava aquela vela enorme, que permaneceria ali na frente, durante todo o tempo pascal. O Círio Pascal é o símbolo da Vida; é a Luz que representa a Vida, a vida revivida.

Lembro-me que um dia perguntei ao meu pai o que eram aqueles cravos que o celebrante fincava no Círio. Não lembro o que ele me respondeu. Vale a pergunta. Ainda me lembro do belo canto à mãe de Cristo, cantado em latim:

*Rainha do céu, alegrai-vos, Aleluia!
Porque Aquele que merecete gerar, Aleluia!
Ressuscitou como prometeu. Aleluia!*



Todos cantavam: Glória a Deus! Aleluia!

Terminada a celebração, todos voltávamos para casa, com o coração e a mente cheios de músicas, de Aleluias, de sinos a tocar! De círios acesos ... Voltávamos para casa, com o coração dando Glória a Deus... Com o coração cheio de Deus e... sonhando nosso futuro; víamo-lo cheio de luz, sem nada entender do que o nosso futuro seria um dia. Sem saber nada das preocupações que nos surpreenderiam; enfim, aquele sonho é o nosso hoje e amanhã... na vida real. Naquele tempo tudo era alegria, tudo era divertimento.

Fernando Pessoa perguntaria: nesse tempo *eu era feliz?! E ele mesmo respondia: "Fui-o outrora agora!"*

A Páscoa nos ensina que os desafios fazem parte de nossa vida; os desafios a plenificam. Voltamos para casa, pulando de alegria. Com grande exaltação interior. Grande festa! Grande Páscoa! A vida rejuvenesce. Grande paradigma que nos faz pensar e meditar.

Bons tempos aqueles em que podíamos sonhar, sem tantas preocupações, sabendo muito pouco de todas as mazelas e feridas da vida humana, das falsidades e intrigas que ferem e perturbam a vida de muitas pessoas e as fazem sofrer e se inquietar.

Agora entendemos o poema de nosso poeta, Gonçalves Dias: *"A vida é luta renhida. Viver é lutar. A vida é combate, que os fracos abate, e os fortes, os bravos só pode exaltar"*.

Estes dias de Páscoa são momentos, são celebrações que não se acabam; que nos acompanham por toda a vida; que revivemos no segredo de nossa

alma. São momentos de vida; fazem parte de nossa vida.

Da vida que não se acaba. Da vida eterna que são os momentos felizes de nossa existência neste mundo.

Esta é, meus amigos, a minha Páscoa; a Páscoa que encantou a minha adolescência, com marcas de alegria e de Aleluia; marcas de sons festivos que povoaram o meu subconsciente! Festividade da Páscoa entrava-nos pelos ouvidos, pelas vibrações da comunidade, pelos olhos, pelo coração e nos enchia a alma.

No Domingo de Páscoa a alegria continuava, com o almoço festivo mas singelo. De manhã os padrinhos traziam os folares, marca de carinho familiar. Todos recebiam presentes com alegria, que eram trazidos com alegria.

A grande alegria, meiga, singela e maternal de Natal, pela Criança que nasce, super abundava, no aleluia e no alvoroço musical da Páscoa, pelo Mestre que revive, para sempre. Entre estes dois focos, Natal e Páscoa, constrói-se o **marco regulatório** da vida cristã, da vida humana. Estes são momentos eternos que não se esquecem jamais; que acalentam o coração, pela vida afora, articulados com outros grandes acontecimentos, alegre ou tristes, mas de esperança, que vão construindo o nosso dia a dia, no Livro da Vida.

Então meus amigos, desejo-lhes uma **FELIZ PÁSCOA**, pela vida inteira!

Para terminar aprecie o **Glória** de Vivaldi:
www.youtube.com/watch?v=OvZYhxT5Mf8

(*) José Jorge Peralta, 76 (58/59). É professor aposentado da FFLCH-USP, com doutorado em Linguística e Semiótica. Dedicou-se à produção acadêmica, conferências e consultoria. Administra os blogs do Ibaté e da Arcada do Ipiranga e, outros blogs de Lusofonia e Tribunal Tropical.
josejorgeperalta@gmail.com

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: Samba

Foi dançando aquele samba
que diz: "vou beijar-te agora"
que fiquei co' a perna bamba
e te beijei, sem demora!

Alfredo Barbieri (49/53)

O samba sou que foi pobre,
escravo negro em desdém...
Brasil, tornaste-me nobre,
liberto, culto e alguém!

O delírio do sambista,
quando chega o carnaval,
é ver o samba na pista,
no desfile triunfal.

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Joel Hireinaldo Barbieri (51/58)

Envie-nos você também a sua trova.

Tema para o próximo ECHUS: Copa do Mundo





Luiz Loureiro*



Você já percebeu que quando a gente viaja o nosso intestino fica sem funcionar por uns dias?

Segundo pesquisa que fiz entre parentes, amigos e conhecidos, parece tratar-se de um fenômeno universal.

Bem, se isso não acontece contigo, parabéns! Ou você é um felizado ou é porque

you never travel. Para mim, é uma certeza.

Na mais recente viagem, ao Peru, meu intestino ficou em greve por três dias. De nada adiantou comer verduras, frutas e fibras. O danado não funcionava. E parece que quanto mais longe de casa eu viajo mais travado ele fica. Bem que eu poderia ter tomado um laxante, mas isso estava fora de cogitação. Já pensou você, no terceiro dia de viagem, entrando na condução que te levará ao *citytour*, bem na hora da saída, o troço também resolve sair. Aí você faz um escândalo tipo: *-para, para!*-e tem que descer correndo do ônibus, desesperado. Além da vergonha, ainda perde o passeio. Ou você acha que o motorista, o guia e mais 30 pessoas que nunca te viram na vida vão ficar esperando você obrar?

É por causa de situações como essa que a constipação acaba virando obsessão e chega até a tirar o prazer da viagem. Você põe o pé na rua, pensando no próximo destino, e já vem aquela neura:

- será que lá vai ter banheiro? E se tiver: - vai ter papel higiênico?. Daí você desenvolve umas manias, como aquela de andar sempre carregando o kit cocô: papel higiênico, lenços úmidos, talquinho... Tem uma pessoa que conheço que chega até a carregar um penico de plástico: *-vai que não acho banheiro!*

Como esse fenômeno da prisão de ventre do viajante sempre me intrigou, resolvi estudá-lo a fundo e descobri a sua causa provável. Digo provável, porque ainda estou na fase experimental para consolidar minha teoria, o que ainda depende de muitas viagens e muitas assentadas. Trata-se da *"Síndrome da bunda não identificada, reversa"*. Explico: quando você está em casa e senta seu nobre bumbum na privada que você sempre usa,

imediatamente a bunda reconhece o troninho e envia um sinal para o cérebro, desencadeando todo aquele processo escatológico que conhecemos tão bem. Acontece que, no banheiro da sua casa, ocorre um diálogo entre a bunda e a privada, ou seja, tanto a bunda reconhece a privada como vice-versa, daí o termo *"reversa"*. E aí é que está a parte mais fascinante da minha descoberta: a possibilidade de a latrina reconhecer o seu *derrière*, o que só acontece quando já existe uma prolongada intimidade entre as partes. Tanto é que, se você troca a tampa da bacia, o intestino para de funcionar por uns dias, até que a intimidade se restabeleça.

Graças à descoberta desse fenômeno do reconhecimento reverso, será possível eliminar o problema da obstrução intestinal em viagens, adotando-se uma prática simples, que consiste na implantação de um chip em uma das nádegas. Esse chip enviará um sinal de rádio a outro chip previamente instalado nas privadas dos melhores hotéis em todo o mundo. Assim, no ato da reserva do seu quarto, o hotel solicitará o seu *"código nadegal"* e, quando você chegar ao seu apartamento, o código já estará devidamente instalado para reconhecer a sua bunda, permitindo-lhe passar dias felizes sem ficar enfezado.

Outra possibilidade é a de você poder adquirir, e levar consigo, um *"forro de reconhecimento nadegal"*, que seria um forro de tampa de privada, devidamente *chipado* com o seu código. Ou seja, no caso de o hotel não dispor do serviço de codificação defecativa, você poderá estender o seu forro na latrina do seu quarto e desfrutar dos prazeres do intestino solto. Esse forro também lhe dará a opção de utilizar qualquer privada que você encontre pelo caminho, como aquelas de banheiro de beira de estrada, tão famosas por sua impecável limpeza. E aí aparece outra vantagem do forro. Como ele poderá ser descartável, com chip removível, você mata dois coelhos, pois, além de fazer o intestino funcionar, você ainda escapa das tampas sujas. Mas, cuidado!: -não se esqueça de retirar o chip antes de descartar o forro, caso contrário você voltará ao *status quo* anterior: *a síndrome da bunda não identificada, reversa*.

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO E A DIVULGAÇÃO DESTE TEXTO, VIA INTERNET OU QUALQUER OUTRO MEIO, POIS SE TRATA DE PARTE DE LIVRO AINDA NÃO PUBLICADO.

Autorizo a publicação no ECHUS.

(*) Luiz Norberto Colazzi Loureiro, 65 (62/63) formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Graduado em Marketing pela FGV-SP, ex-prefeito de Paraibuna-SP, atualmente dedica-se às letras, quando não está cozinhando. loureiroefabiana@gmail.com



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

Deus

Quanto tempo passei Te procurando,
sem descobrir jamais aonde estavas...
Horizontes infinitos perscrutei
numa intensa procura e não Te via
e minha alma, na angústia, perguntava:
será que Tu existes realmente?
Teimoso, persisti em minha busca.

Nos credos Te busquei, busquei nos templos,
nos cultos, nos mosteiros, nas mesquitas
e nem sequer ali estavas Tu.
Busquei-Te em sacerdotes, em pastores,
mas nem no meio deles Te encontrei...
Senti-me só... Descri em minha fé
e, na minha descrença, Te ofendi
e, na ofensa, perdido, tropecei
e, no tropeço, frágil eu caí
e, na queda, senti-me débil, fraco
e, fraco, procurei buscar socorro...

No socorro encontrei então carinho
e, no carinho, vi nascer o amor
e, com amor, eu vi um mundo novo
e nesse mundo novo eu quis viver...

Resolvi doar tudo o que ganhei...
Foi doando que muito recebi
e, ao receber, senti-me mais feliz
e, ao se feliz, ganhei então a paz...
E foi com essa paz que eu enxerguei
que dentro de mim é que Tu estavas...
Assim, sem procurar-Te, Te encontrei!



ANTONIO JURANDYR AMADI*

Adeus

Era bem de manhã, quando partíramos...
A bucólica estrada poeirenta,
por entre descampados solitários,
serpeando por vales e encostas,
tolhia-se, nas curvas, a visão
do que, triste, eu deixava para trás...
Cobria ainda a neblina matutina
as depressões de matas vicejantes,
onde quiçá um límpido regato,
escondido na sombra de avencões,
baixinho murmurava rumo ao mar...
Pequenos sóis de orvalho cintilavam
por sobre a verde relva ribeirinha
que as geadas de inverno não queimaram.
Os azulados montes lá, ao longe,
interpostos por outros em instantes,
aos poucos no horizonte evaporavam...
Era dorida em mim a despedida
a cada tênue som que tenazmente
chegava-me aos ouvidos... Eram pássaros
em meio à mata, em canto lastimoso,
soluçando comigo os meus queixumes,
em derradeiro e solidário adeus.

.....

Sumiu-se aos poucos a poeirenta estrada,
nas curvas as montanhas se esconderam,
calou-se na distância a passada...
Só o íntimo sofrido de minha alma,
tentando em tudo descobrir porquê,
ficou em prece a soluçar saudades
de um pedaço de chão que emoldurou-me
uma fugaz infância sonhadora...

.....

A cruel despedida a meu passado,
em retumbos voltando persistentes,
ferem-se ainda desejos mutilados,
num adeus a momentos cuja volta,
na penumbra dos sonhos, só existe
na saudade do tempo que passou...

Poesia feita no dia seguinte à minha saída do Seminário de São Roque, em junho de 1957.

(*) Antonio Jurandyr Amadi, 78 (51/57), também ex-aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é engenheiro, pesquisador, escritor, poeta e tradutor de grego e latim.

NA CASA DO PAI

Faleceu no dia 12.04.2014, aos 75 anos de idade, nosso colega **EUCLIDES ALBINO DOS SANTOS (53/59)**. Ele era formado em Letras e Pedagogia. Foi professor e diretor de Escolas Públicas sempre participando dos eventos culturais. Recebeu menção honrosa na publicação da Antologia Poética Brasileira-1999, Menção Honrosa Superior e a Comenda 500 anos Poéticos Brasileiros pela sua inclusão no livro 500 anos de Poesia - edição comemorativa do Descobrimento do Brasil. Participou da edição especial do livro Novos Rumos - Série internacional, distribuído na Europa pela Shan Editores. Recebeu em maio de 2000, a Láurea Internacional pela sua participação no Projeto de Intercâmbio Internacional, incrustada em sua carteira de membro ativo da Ordem da Confraria dos Poetas - Brasil, sendo que o poema "Apesar" está inserido no livro Timor Esperança, levada pela Missão Cultural Brasileira para Timor Leste e remetido ao Itamaraty, a todas às Embaixadas dos países de língua portuguesa e à ONU. Participou do Mapa Cultural Paulista - 2000/2001/2002, sendo selecionado para representar a região de Presidente Prudente em poesia. Foi selecionado pela Shan Editores LTDA para participar da Série Especial Revelações Brasileiras 2002. Seu livro TRAVESSIA trata-se de uma viagem através da vida, escrito em prosa poética que enriquece nossa cultura com histórias que

nos fazem refletir.

Vide nas páginas 11, 12 e 13 alguns dos textos do nosso colega.

.....

Recebemos mensagens de alguns amigos e colegas:

Paulo Francisco Toschi: "Ele vai dar mais brilho, ainda, ao Ibaté Celestial. Que Deus o tenha bem junto de si. Aos familiares, nossos sentimentos, com o consolo de que ele está, agora, numa feliz eternidade. Nós, que cremos na Comunhão dos Santos, pediremos por ele e sabemos que ele estará pedindo por todos nós."

Getulino do Espírito Santo Maciel: "Boa noite, Mosca. Ficamos tristes com o falecimento do Euclides. Grande homem e poeta. Colega inesquecível. Deus o tenha em seu remanso! Condolências aos familiares."

Letterio Santoro: "Com sua morte diminui a poesia em nosso boletim. Deus o tenha!"



NOSSA HOMENAGEM A EUCLIDES ALBINO DOS SANTOS

APESAR

Apesar de tantos sonhos
Que deixei cair nas margens do
caminho.

Apesar de tantas palavras
Que o vento levou, jogadas ao ar.

Apesar de tantos amores
Que nunca tive, mas que me
alegraram.

Ainda restam sonhos
Ainda restam palavras
Ainda resta amor.

Apesar da terra árida,
Do calor do sol,
É preciso semear...

Jogar a semente,
Esparramar sonhos
E esperar...

A vida se encarregará de fazê-las
medrar.

QUANDO ?

Como será nesta noite pavorosa
Quando os olhos se fecharem para
sempre
E cessa toda misericórdia?

Com que olhos vamos ver o caminho
Que leva ao futuro
Se futuro não há e os olhos já não vê?

Lá, de onde ninguém voltou
Apesar das ideias dançarem
Na vastidão do tempo,
Mas mesmo o tempo se findará,
Lá como será?

Como haverá comunicação
Se já não há mais palavras
As bocas emudeceram
Para sempre?

Quem responderá?
Quem terá a resposta incabível
No cabível mundo que acaba?

No seu tempo finito, o homem
Caminha metas de descobrimento
Há um vislumbre de conhecimento
Trazido pela física quântica:
Mas quando tudo isso se esclarecerá?
Quântica? quando?

VIVA

Apesar das dores e das intrigas,
Apesar das invejas e das brigas,
Viva!

Apesar dos sonhos se quebrarem,
Apesar das pessoas atrapalharem,
Viva!

Apesar do amor se terminar,
Apesar do carinho lhe faltar,
Viva!

Construa dos cacos que restarem
Os vasos para as flores colocar.
Faça do vinagre e do limão
O tempero para sua refeição.

E se farte
Da luz que o sol dá de graça,
Da paisagem, das flores à sua volta,
Que nada vai lhe custar.

E se um dia tiver necessidade
De mais coisas, de coisas diferentes
Trabalhe, faça certo o momento,
Que a vida vai lhe dar.

NOSSA HOMENAGEM A EUCLIDES ALBINO DOS SANTOS

AVE CESAR

Aves e árvores, Ave Cesar!
Homens e feras feridos.
Na arena
Desprotegidos em vagidos gemem
Os filhos de Eva em busca do
Paraíso.
Os afoitos são fontes, mesmo a
contragosto
Das ilusões perdidas.

Os que vão morrer te saúdam!
Em tua presença inclemente,
Todos são cruelmente trucidados:
Fortes e fracos,
Os reinos sem voz:
Animais, homens, vegetais.
Tudo esmagado pela força
Descomunal de tuas Colunas.

Quem olhará pelas tuas criaturas?
Quem delas se apieda?
Quem é culpado da inteligência
De saber-se sofrendo?
Paciência e dor é a sobrevivência.

Importante é ser
Guerrear sempre
Subsistir.

SONHO DA GENTE

Nascido sou, nestas brenhas. Pedra dura, bruta e forte. Mais forte é o que vingou. Se não morreu de parto, morre-se aos poucos, pelos maus tratos. Precisão de tudo.

Mas, eu vinguei. Nos braços do vento, corro de peito aberto, por estas pedras, em busca de sustento. Tem jeito não, seu moço, mal dá para se comer pouco. Às vezes falta. É preciso resistir à dor das tripas, fundo, vazio o estômago a pedir comida. O que mais dói é ver os que se ama, filhos do coração, minguar no corpo, por falta de alimentação. Fome, seu moço. Corpo enfraquecido, doença forte dominando. Carcome o bichinho por dentro e ele morre. Só osso, seu moço. Só osso e olhos enormes a fitar a gente como a pedir ajuda, clemência e a gente impotente. Dá pena, seu moço. Grava-se para sempre na memória aquele olhar longo, triste, espichado. Olhos perdidos de súplica, piedade de Deus, piedade da vida, piedade dos homens. É doloroso, seu moço, enterrar tão cedo, o fruto de nosso amor, porque não vingou.

Sorte? Sei não seu moço, se de quem morreu criança e não sentiu tanta miséria, não sofreu a dor que desespera o tino, morreu menino, ou, da gente que vingou para suportar a própria dor e ver a dor dos outros, dos queridos, e permanecer vivo, em meio a tantos horrores, tantas misérias.

Mas preciso lhe dizer uma coisa: A vida vale por esse colosso de chão, por esta terra árida, onde nas brechas das pedras, a gente ver a semente crescer. Vale quando vemos as pessoas de gente, os amigos se alegrarem com festas pelo nascimento de um menino que vai prolongar essa vida, esse sofrimento, mas quem sabe? Um dia poder se libertar dessas necessidades e vier a vida farta, aqui ou em outras plagas, vencer, triunfar.

Este é o sonho da gente.

O FIM DO COMEÇO



Euclides Albino dos Santos *

Este texto foi escrito em 20 de agosto de 1958 por Euclides Albino dos Santos sob o pseudônimo de ADALTO CRUZ e, dedicado ao colega JOSÉ MOREIRA DE SOUZA (55/59) que nos disponibilizou.

Fechemos as janelas dos olhos. Encaremos as portas da imaginação. Sigamos.

O mundo nos envolve. Não aquele mundo raquítico que viu a César com suas conquistas, Pasteur com sua ciência, Lutero com sua reforma, mas um mundo novo, estranho, respeitável, um paraíso de torturas no desespero das vidas.

Religião? Já não existe. Está sepultada na expectativa de melhora. A ciência avolumou-se. Estendeu-se o progresso. Esvaiu-se a ignorância.

Os homens não se quedam em seu cósmico planeta, anseiam o passeio ao infinito. Ânsia audaciosa que domina as inteligências. Ânsia perigosa que corrói a humanidade, preparando-lhe o seu próprio túmulo.

No infinito almejado, duas torres, o Bem e o Mal atiram aos céus as imprecações dos homens. Duas torres

inimigas e majestosas. Duas torres ambiciosas e rivais.

A baba grassa pelo chão. O drama se desenvolve. O ódio cresce. Não cabe no coração do homem a timidez do futuro. E, ou por medo, ou por raiva, ou porque estava saturado, surgiu a guerra.

Guerra pacífica! Não precisa armas. Guerra calma! Não há violência física. Guerra silenciosa! Não há barulho externo.

Trava-se o combate, o mais gostoso combate na guerra das vidas. O eterno combate de todos os Racionais: o desejo cego de (pseudo) felicidade.

Não sei se já disse, a guerra foi provocada pela sede de felicidade. Sede saciada nas divagações, nos devaneios, nos divertimentos; sede de delícias, de sossego, de paz. O homem está onde lhe jogam uma oportunidade de esquecimento, e ali ele negocia o coração, a cabeça, a alma. Onde há prazeres, delícias, aí está a humanidade a sugar o néctar venenoso em troca da própria degradação.

Fechadas estão as Igrejas. Não somos desiludidos

para precisarmos dos homens de saia!

Abertos estão os cinemas. Amamos a arte e a beleza.

As escolas estão desprezadas. Não somos escravos. Os aparelhos ministram-nos o necessário, o que quisermos.

Cheios estão os clubes, lotadas, as praias, frequentados, os parques. Temos bom gosto. Salvemos o que é a vida. Precisamos goza-la. Precisamos esquecer os momentos de trevas. (Porque também há trevas.)

Lançam-se todos ao esquecimento. Nada traz felicidade. O mundo tornou-se o inferno prematuro da futura proscrição. Olvidou de onde veio, para onde vai. Na angustiante incerteza teme os indomáveis elementos (fatores inconscientes que assustam as consciências). As próprias invenções humanas trouxeram o desassossego para as nações. Não existe paz. Não há felicidade. Só o terror domina a terra.

Nesta cena, confusão de dúvida e ansiedade, um dia, sei lá quando, um dia choca-se a luz com as trevas. As trevas fogem aterradas. A luz apodera-se do globo. Amanhece.

O horizonte calmo começa a anuviar-se.

Uma nuvem percorre o universo. Nuvem de medo, de espanto, de desespero. O povo sorve o perfume que ela semeia e embriagado pelo próprio deleite, corre delirante pelas ruas. Pulam. Gritam. Duelam-se.

O espírito embate-se contra a carne, a ignorância contra a ciência, o orgulho contra o nada. Luta terrível! O terrível prenúncio de uma fatal derrota! A luta negra de negros esplendores!

São duas potências que se encontram. É o universo que se abala. O veneno é trazido pelo ar. As gentes desvairadas bebem a morte de suas conquistas, de seus progressos, de sua vida. De nada vale o engenho humano. São satélites que giram no espaço. São bombas que estrondam na terra. São teleguiados que invadem as casas, confusões que zombam da humanidade, incógnitas que destroem o universo. Loucos correm os homens pelas ruas e campos. Loucos se debatem os animais e as árvores. Louco se agita o reino inerte dos minerais.

Neste satânico baile do universo em movimento, um só disco é tocado, uma só voz, ouvida, uma só ordem, dada. O disco é o barulho. A voz são os gemidos plangentes das almas torturadas. A ordem é a escrupulosa determinação do aniquilamento da humanidade.

Tudo briga. Tudo luta. Tudo corre.

Horrenda balbúrdia de um mundo transtornado. E

quem o transtornou?

E os ecos repetiram bem alto para que toda a humanidade ouvisse o seu fim: **“KRONOS”**.

“Kronos”, o terrível aparelho que ameaçava a terra. O aparelho que revolucionou o mundo das inteligências e aguçou a curiosidade, o medo. O aparelho que bombardeou o mundo e destruiu o universo.

“Kronos”, a formidável incógnita da ciência, a hipótese absurda dos fanáticos, a utopia dos entendido. **“Kronos”** tornou-se uma realidade. E, ou de Marte, ou de Júpiter, ou da Lua,... Veio **“Kronos”**, em aspecto concreto despedaçar as teorias e os teóricos deste naco de torturas. Era um vulto, um fantasma, um sonho. Seria um disco voador? Quem sabe? Talvez fosse o próprio poder do Criador refletido nos cérebros da humanidade. Seja lá o que for, **“Kronos”** desceu à terra. **“Kronos”**, o déspota gigante de tão pequeno mundo, o sepulcro do universo, o aniquilamento da humanidade.

“Kronos” sorriu, vendo a confusão: Os homens, os animais, as plantas, os minérios, tudo eletrificado por Ele, dançavam, rodopiavam em doida folia, nos últimos momentos de sua decomposição. Em cada coração, um desespero. Em cada desespero, uma loucura. Em cada loucura, a perdição...

“Kronos” eletrificou a terra.

“Kronos” venceu a terra.

“Kronos” dominou a terra.

E a terra desapareceu...

Aterrado, delirando no meu devaneio, exclamei: “Que vejo?”

E **“Kronos”** respondeu:

“É O FUTURO”.

Adalto Cruz

São Roque, 20 de agosto de 1958.

DEO GRATIAS!

[Ao Caro Moreira dedica o autor estas folhas murchas da árvore morta de incipiente literário. Euclides Albino]

Photantiqua

Foto cedida por ATTILIO BRUNACCI (49/57) e mostra grupo de alunos do Ibaté no ano de 1953. Na fileira de cima, da esquerda para a direita: GUIDO CHAGAS, EDGARD EGUCHI, HAMILTON BIANCHI, ANTONIO CARLOS BARRA e NATAL DE MARCHI. Na fileira do meio: MÁRIO POLESÍ, LUIZ PEDRO ARAUJO, PAULO OLIVEIRA LEITE GONÇALVES, DARCY CASAGRANDE, ASDRUBAL ANELO BARUFFALDI e MARCOS PELIZZARI DE SOUZA. Na 1ª fileira: ANTONIO MARIANO GOMIDE RIBEIRO, JOSÉ VITOR ALVES NETO, MARTIN SEGU GIRONA, ANNIBAL POTY DE SOUZA e AURÉLIO VIEIRA DE MORAES.



CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Alfredo Barbieri (49/53) - Recebi o nosso ECHUS 131. Excelente. Gostei do começo ao fim. Os dois arquivos cedidos pelo Careca estão uma riqueza abrangendo os hinos, os cânticos, as poesias, as orações, as ladainhas, enfim todo o nosso passado. Li-os inteirinho, rezando, cantando, recordando. Obrigado. Taubaté-SP 27.03.2014 - alfredo_barbieri@hotmail.com

De Rovirso Aparecido Boldo (64/69) - Parabéns, Mosca, pela nova formatação virtual do Echus, com a facilidade de mover as páginas por meio de um simples clic. Sugiro, no entanto, que todo o jornal, e não apenas a primeira página, contenha impressão colorida. É possível? São Paulo-SP 27.03.2014 - r.boldo@uol.com.br

De Pe. Tomaz Gomide (57/60) Caríssimo Mosca, fico tão contente quando recebo o nosso jornalzinho. Admiro muito a sua dedicação e a dedicação de outros em manter viva a chama do Ibaté. Talvez porque estou tão longe de todos, esse link mantém-me conectado com o nosso passado, trazendo tantas lembranças. Pois é, já completei 71 anos e no ano que vem, no final de junho, pretendo aposentar-me. Mosca, um grande abraço. Você exerce um sacerdócio maravilhoso! (fora das estruturas.) Obrigado por tudo. Mineola-New York-USA 04.04.2014 - tgomide@me.com

De Paulo Oliveira Leite Gonçalves (49/54) Prezado Wilson Espero que tudo esteja bem com sua saúde. A cada manhã peço a Deus por você e seu bem estar. Preciso de um favor seu. Quero

comentar o texto de Antonio Jurandyr Amadi sobre a última missa no Seminário de Pirapora, mas não encontro o respectivo e-mail. Esta é a razão pela qual lhe peço a fineza de encaminhar-lhe o comentário que faço a seguir:

“Prezado Jurandyr, quis o destino que você fosse o único representante das legiões e legiões de ex-alunos de Pirapora na cerimônia da missa que colocou um ponto final naquela saga tão rica e tão bonita. Acompanhei a leitura de seu texto sentindo a cada passo a emoção e o pesar que ocorriam em você durante o desenrolar dos fatos. Seu texto ficou excelente para os fins pretendidos. Não fui aluno de Pirapora. O Seminário esteve em meus sonhos de menino, 11 anos, até quando Cônego Pavésio nos comunicou que não iríamos mais para Pirapora e sim para São Roque. Aos 12 anos, fui da tropa de choque que inaugurou o Seminário do Ibaté, onde convivemos durante vários anos você e eu. Receba um abraço deste amigo Ibateano de história e de coração”. Goiânia-GO 05.04.2014 - oliveiratradutor@gmail.com

De João Francisco de Brito Ramalho (60/62) - Prezado Wilson Mosca, foi muito bom, ao rever a página virtual do n.131, do Echus do Ibaté, na semana passada, ter encontrado o vídeo da autoria de Paulo Oliveira Leite Gonçalves: Lembranças de São Roque - Ibaté 2013. Sua intenção inicial era mostrar as dependências do Seminário ao seu “anjo da guarda”, Alessandra, ao tempo em que, ela ia filmando, mas a consequência tornou-se maravilhosa, pois, fomos agraciados com um belíssimo vídeo. Paulo Oliveira foi um daqueles que frequentou o Seminário por verdadeira vocação e percebemos o seu vibrar interior quando falava sobre cada compartimento, quando evocava algumas recordações ou fazia comentários. Comoveu-me a sua fala, na capela, sobre “o protocolo”, a qual me transportou, para um verdadeiro momento de oração. Agradeço a você o envio da referida produção. FELIZ PÁSCOA! Um fraterno abraço. Salvador-BA 16.04.2014 - jamalho47@gmail.com.br

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 25.05.2014	
SALDO INICIAL EM 31.03.2014	12.634,10
ENTRADAS	
Contribuições e doações	210,00
Juros	106,12
TOTAL ENTRADAS	316,12
SAÍDAS	
Diagramação Echus 131	370,00
Missa Dia das Mães	581,00
Despesas Bancárias	36,75
TOTAL SAÍDAS	987,75
SALDO ATUAL 25.05.2014	11.962,47
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas no período de 01.02.2014 a 31.03.2014, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, José Fernandes da Silva, José Écio Pereira da Costa Junior e Vicente de Paulo Moraes.

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté-São Roque-SP- Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Jurandyr Amadi, Attilio Brunacci, Euclides Albino dos Santos, Joel Hirenaldo Barbieri, José Jorge Peralta, José Lui, Lourenço Medeiros Fernandes, Luiz Norberto Colazzi Loureiro e Paulo Francisco Toschi.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ, Caixa

Postal 71.509, Cep 05020-970, S. Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet:

- E-mail: echus@zipmail.com.br
- Blog do Ibaté: www.igate-sp.blogspot.com
- E-mail do Blog do Ibaté: igate.sp@gmail.com
- “Palavra de Seminarista” (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
- Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
- Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
- Comunidade IBATEANOS no Facebook
- Echus do Ibaté nas nuvens:
links <http://177.103.223.197/Edhusdoibate/>

Diagramação:

Conexão Propaganda (11) 4063-9081



conexão
propaganda